

uma das provas mais valiosas da não existência humana de Jesus.

Os textos sagrados demonstram para os crentes que Cristo era o filho de Deus, e que Deus transitando pela terra numa missão redentora; são esses mesmos textos que levaram um psiquiatra ilustre a concluir que Cristo era um louco, um teómano.

Não é o ódio que leva o médico, o antropologista, o crítico da história, que estudam Jesus Cristo, a concluir em sentido diverso daquele que é imposto pela Igreja. «O mal causado pelas religiões dá-nos o direito de estudar os seus fundadores, sem que nos detenham um sentimento de veneração ou de amor que a sua obra não justifica, do mesmo modo que o bem que eles fizeram nos impediria, independentemente de qual quer outra consideração, de tratar estes homens com desprezo ou com ódio» (Binet-Sanglê).

A expressão Cristo-rancor, corresponde a um aspecto do Cristo bíblico, que pode ser defendido e que pode ser impugnado. Quem a usa não revela ódio contra Cristo.

O ódio, que sempre avulta quem o sente, floresce mais entre os crentes que no seio dos incrédulos; estes são em geral calmos adversários de ideias e não de pessoas.

Geraldino BRITES

TEATRO
NACIONAL

HOJE

COMPANHIA
Ilda Stichini-Alexandre Azevedo

A interessante peça em 3 actos, original de Lucien Nepoty, tradução de A. de Almeida e A. Dias da Costa

Os Filhos

Encantador entrecho—Espirituoso diálogos—Situações aplaudidas

Protagonista:

Ilda Stichini

BREVEMENTE:

SE EU QUISESSE...

Com a aparição de A BATALHA surgiu em Portugal um paladino defensor das liberdades públicas. O desaparecimento de A BATALHA faria perigar as liberdades que ela tem defendido. Auxiliá-la, pois, é o dever de todos os amantes da liberdade

LITERATURA REVOLUCIONARIA
EM CASTELHANO

Maximo Gorki

Como se forja um Mundo Nuevo. 6\$00
Cuentos de Itália. 6\$00

La vida de un Hombre innecesario. 6\$00

Wladimir Korolko

El Imperio de La Muerte 6\$00

Dr. G. Feydor

La vida tragica de los Trabajadores. 10\$00

Jean Masestan

La Educacion Sexual. 10\$00

El matrimonio, el amor libre y la libre maternidade. 9\$00

E. Reclus

La Montaña 6\$00

El Arroyo 0\$00

Octavio Mirbeau

El Calvario 6\$00

P. Kropotkin

La etica, La revolucion e el Estado 6\$00

Luis Fabbri

Critica revolucionaria 6\$00

H. Malatesta

Ideario 6\$00

F. Dostoyevsky

Los Hermanos Karamazov 9\$00

LA NOVELA SOCIAL

Interessante colecção de 10 novelas colaboradas por um bom número de escritores revolucionários—Preço 10\$00

Pedidos à administração

de A BATALHA



Do estatuto confederal

CAPITULO I
DOS OBJECTIVOS

Artigo 1.º—A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

2.º—O agrupamento, sob a base federativa autónoma, a todos os trabalhadores assalariados no país, para defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

3.º—Desenvolver, fora de toda escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operário organizado para a luta pelo desaparecimento do sacerdote do patronato, e posse de todos os meios de produção;

4.º—Manter, as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum inteligência, que consolida os trabalhadores de todo o mundo a sua emigração integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

LER E ASSINAR

«Os Mistérios do Povo»

A imprensa contra à censura

Reúniram ontem os representantes das empresas jornalísticas

Na sede do Jornal do Comércio e das Colónias reúniram ontem à tarde os representantes das empresas jornalísticas de Lisboa para discutirem sobre a maneira como é feita a censura aos jornais e que tanto os prejuízos.

Presidiu à reunião o sr. Balbino Esteves, secretário do Conselho de Administração do Jornal do Comércio e das Colónias, e depois de largamente discutido o assunto, foi nomeada uma comissão para ir junto do presidente do Ministério, não só para protestar contra os prejuízos causados pela censura, como também para apontar-lhe a inutilidade desta depois que a nova lei de imprensa, com as suas malhas apertadíssimas, entrou em vigor.

Essa comissão ficou composta pelos srs. dr. Beirão da Veiga, pelo Diário de Notícias; Carlos de Oliveira, pelo Século; dr. Joaquim Manso, pelo Diário de Lisboa; Urbano Rodrigues, pelo Mundo; e Tomás Gombão, pelas Novidades.

Ficou a reunião, a que assistiram dois agentes representantes da autoridade, os comissionados procuraram o general Carmona, chefe do governo, a quem o sr. dr. Joaquim Manso, solicitado pelos representantes dos outros jornais, expôs os prejuízos morais e materiais que resultam da forma como está sendo exercida a censura à imprensa.

Ao mesmo tempo, pediu ao general Carmona que elucidasse os comissionados sobre os motivos da expulsão do sr. Homem Cristo (filho).

O chefe do governo começou por declarar que mantinha a censura, mas que ia estudar a forma de atenuar o mais possível os prejuízos materiais causados por essa instituição.

Com esse fim, mandou chamar para uma conferência no seu gabinete o coronel Romão Dias, marcando uma nova reunião com os delegados das empresas.

A cerca do exílio do sr. Homem Cristo (filho) declarou terminantemente que aquele jornalista não tinha sido expulso em virtude dos artigos que escreveu contra o Banco de Portugal.

Os directores dos jornais reunem novamente hoje, às 14 horas, na sede do Jornal do Comércio e das Colónias.

Teatro Salão Foz
Matinée às 3 h.—Soirée às 9,15 h.
Espectáculos a preços ultra-populares

A sensacional atração «SACHA» TROUPE, em direção de D. MARIA EMILIA CASTELO BRANCO

Canto, bailes de fantasia e acrobacias, «sketches», numeros musicais, etc. A mais completa colecção de CÃES COMEDIANTES apresentados por MR. RENE 1.ºº que representam pequenas comédias, «sketches» etc.

No ecrã—«O Pintor do Dragão»—5 partes

PREÇOS: Superior, 20\$00; Pintas ou Balcão, 5\$00; Camarotes, 15\$00; Frizas, 20\$00

A nobre atitude de uma educadora

A secção de Belém, do sindicato da Construção Civil, apreciou com entusiasmo a atitude de D. Vitoria Pais, no recente Congresso Pedagógico, contra o ensino religioso, nas escolas, sendo aprovada uma saudação pela sua energética atitude em face dos manejos dos reactionários inimigos do progresso.

Edições SPARTACUS

Acabam de aparecer:
A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3\$00.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6\$00.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6\$00.

A' venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiares de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

Um apelo dum príncipe

Com satisfação registamos a prontidão com que alguns dos nossos leitores aquiesceram ao apelo por nós feito em nome do príncipe social Júlio da Anunciação. O desejo deste camarada vai, pois, ser satisfeito, pelo envio dos números de A Batalha recebidos.

Edições de "A Sementeira"

Práticas néo-maltusianas. 5\$00
O sentido em que somos anarquistas. 3\$00

A peste religiosa. 4\$00

A Liberdade. 5\$00

A Internacional (música e letra). 3\$00

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

TIVOLI
TELEFONE N. 5474
Matinée às 3 h.—Soirée às 9 h.

DIVORCIEMO-NOS
Comédia em sete partes com Monte Blue e Marie Prévost

TRONO VAGO
Novela dramática em sete partes com Lewis Stone e Alice Terry

Uma ciné-farça

REVISTA MUNDIAL

Na «matinée» tem entrada gratuita as crianças acompanhadas de suas famílias

Do estatuto confederal

**CAPÍTULO I
DOS OBJECTIVOS**

Artigo 1.º—A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

2.º—O agrupamento, sob a base federativa autónoma, a todos os trabalhadores assalariados no país,

para defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

3.º—Desenvolver, fora de toda escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operário organizado para a luta pelo desaparecimento do sacerdote do patronato, e posse de todos os meios de produção;

4.º—Manter, as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum inteligência,

que consolida os trabalhadores de todo o mundo a sua emigração integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

LER E ASSINAR

«Os Mistérios do Povo»

NOTÍCIAS DO ESTRANGEIRO

Algumas opiniões interessantes do poeta indiano Rabindranath Tagore

O poeta indiano, mundialmente conhecido, Rabindranath Tagore, exprimiu ultimamente opiniões muito interessantes acerca do fascismo. As opiniões foram desafadas pelas mentirosas afirmações da imprensa fascista, as quais davam Tagore, tão proselítico da liberdade, fervoroso admirador do actual regime em Itália. O generoso poeta ficou indignado com a especulação feita a propósito da sua estada na pátria de Mussolini, e não calou o seu protesto.

Numa chegada a esta cidade, conferenciando com as autoridades eclesiásticas. —(L.)

Um tratado hispano italiano

MADRID, 18.—O ministro dos negócios estrangeiros comunicou à imprensa o texto do tratado hispano-italiano, assinado em Madrid em 7 do corrente. —(H.)

Um acordo greco-iugoslavo

ATENAS, 18.—O acordo greco-iugoslavo trata simplesmente de regularizar os assuntos que dizem respeito à exploração dos caminhos de ferro dos dois países e o transito no porto de Salónica.

É um tratado puramente defensivo e que será registrado na reunião de Setembro próximo na Sociedade das Nações. —(L.)

Os empreendimentos modernos

Linha aérea de Londres ao Egito

LONDRES, 18.—Uma nova linha aérea para passageiros será inaugurada no próximo dia 25 de Março, de Londres ao Cairo, com escala por Marselha, constituindo uma das secções da grande linha de dez mil milhas, projectada entre Londres e Austrália.

Tal não sucede.

Os governos saídos desse movimento

não têm feito em benefício das classes produtoras, porque a inteligência dos seus membros, tem sido gasta no estudo para a confecção do decreto que concede à igreja

VERDADES AMARGAS

As condições de vida dos que, dia a dia, vêm dando o seu esforço em prol desta infame sociedade, em completo estado de putrefacção moral, são cada vez mais terríveis e angustiosas.

Se olharmos em torno de nós, não observamos senão miséria—miséria física e miséria moral, aliada a um egoísmo feroz e iníquo, que se esconde simplesmente na prepotência das classes abastadas em constante prejuízo das classes trabalhadoras que, tudo produzindo, são as incessantemente martirizadas, que se vão arrastando vergadas ao peso brutal das classes detentoras do poder económico.

Para demonstrar quão verídica são estas

afirmações basta citar o facto de, em pleno

seculo XX e nos arrabaldes desta linda ci-

A BATALHA

Enquanto os Homens Cristos são deportados para o estrangeiro, os operários são-no para a Guiné.



LUTA DE CLASSES

A greve dos mineiros ingleses

A questão dos subsídios soviéticos aos operários em luta

MOSCOVO — O sr. Andrev, presidente da delegação soviética à reunião do comitê anglo-russo em Paris, falando na sessão plenária do conselho central dos sindicatos russos, declarou que os ingleses tinham recusado discutir a questão dos subsídios aos mineiros.

Exigiram que a delegação soviética refizesse a sua declaração que condenava a tática do conselho geral das Trade-Unions durante a greve geral. A delegação soviética recusou, declarando que os sindicatos russos não tinham necessidade de modificar as suas opiniões e sublinhando que nunca deixariam de auxiliar os mineiros em greve. Esta altitude foi plenamente aprovada pelo conselho central dos sindicatos russos.

Não recomeçarão as negociações

LONDRES, 18 — A associação nacional dos delegados mineiros reprovou por quarenta e trinta e oito mil votos contra trezentos e sessenta mil uma moção pela qual são dados plenos poderes aos "Comitês" para recomeçarem as negociações com os industriais e os governos. — (Lusitania)

O desemprego na Inglaterra

LONDRES, 18 — O ministro do trabalho diz que o número dos desempregados até hoje de agosto se elevava a um milhão e quinhentos e noventa a quatro mil, isto é: vinte e quatro mil menos do que na semana anterior, mas trezentos e vinte e quatro mil mais do que o ano passado. — (Lusitania)

Contra os próprios interesses da indústria nacional mandam-se construir barcos no estrangeiro

Nun artigo anterior expusemos como a crise de trabalho que afecta a classe metalúrgica, não tem merecido a menor atenção por parte das companhias de navegação portuguesas—tendo nós frisado em especial a Ganda... Porém a falta de consideração pela crise que flagela o operariado português não se limita só a estas companhias de transportes marítimos.

O mal de que enfermam estas Empresas, é geral e contagioso entre todos os detentores de exploração no nosso país.

Temos constecimento que a Exploração do Pórtio de Lisboa manda construir a uma casa estrangeira, uma barcaça para águas por 800.000\$00; tendo-se consumado este facto, o que alegarão, a administração da Exploração do Pórtio de Lisboa? A questão de prego? Talvez, sim! Mas, então basta de nos andarmos enganando uns aos outros... Sejamos claros! Ou a situação dos trabalhadores é propositalmente agravada, para interesses particulares do patronato, ou então obedece a um jogo político de que os operários são vítimas, quer duma forma ou outra e em qualquer dos casos—basta de lérias de ordem e trabalho. Só resta um caminho a seguir: os trabalhadores abrem os olhos pondo a distância os causadores do seu mal estar, que os tem condonando à miséria.

Se as entidades que têm o dever de intervir nestas questões não têm força ou coragem para pôr termo a estas traficâncias, que se facilite o livre trânsito aos operários na procura de trabalho além fronteiras, como livre trânsito se tem dado ao trabalho que devia cár-se feito. Mas ainda há mais... A Exploração do Porto de Lisboa não contente em mandar construir a barcaça fora do país em prejuízo manifesto dos seus compatriotas, manda também construir dois batelões que orgam por uns 600.000\$00! Tudo isto revela o desprès em absoluto pelos que tiveram a desdita de serem trabalhadores nesta terra.

Estes factos devem merecer a máxima atenção de todas as entidades que o caso respeito.

Os operários que meditem a fundo sobre a atitude dos protegidos da sorte, banindo todo este estado de contradição, que os opprime e avila, pois que é tempo de pôr cōbro a esta farça daninha, crise fictícia, que não há razão de tal existir num país onde está tudo por fazer.

A pesar de toda esta tragédia, ainda se pretende alongar o horário de trabalho, para mais horas de produção; quando há milhares de trabalhadores lançados no in-labor e outros tantos sofrendo a redução de dias de produção—que flagrante contradição! Diminui-se os salários, quando o custo da vida é excessivo e tende agravar-se, tal processo é atentatório aos princípios de humanidade, e para tal se conseguem provocar-se a crise, esse fantasma fatalista que se meia a desmoronização e a tuberculose entre os famílicos acossados por esse espetro sinistro, os reduz à condição miserável de párias sem direitos. Que dizem a isto as gazetas que patrioticamente defendem o fomento nacional, *revigoramento da raça lusitana*, pois que não se cansam de propor alvitres de higiene, cultura e estética—quando estas necessidades não podem abranger os deserdados da Terra, os que têm só os braços para alugar em proveito dos possuidores dos instrumentos de produção e senhores dos destinos dos produtorios? Todos esses elixires ou são ditados com ingenuidade ou com hipocrisia!

onde faltá o pão, não pode haver luz, higiene, cultura e estética—e como a fome é má conselheira, em vez de virtudes só o im pode medrar—essas virtudes só podem ser de usofruto comum quando o trabalho é um dever para todos os individuos da espécie humana, porque o trabalho em nosso entender é indispensável à vida—mas trabalho sem amos, produção sem sangão; Mas comamo ou sangão, como estamos longe do fim desejamos que se faculta trabalho a quem deseja ser útil à coletividade para poder manter-se a si e aos seus—e nessa ordem de idéias cuide-se dos vivos e enterre-se os mortos como disse Sebastião José de Carvalho, pensemos em primeiro lugar de trabalho para os que estão em liberdade—porque têm liberdade de morrer à mingua e depois trataremos de trabalho para os reclusos, como alivítrava o «Diário de Notícias» em mandar reparar as estradas e outros serviços pelos encarcerados—pois que seguir-se em primeiro plano este alívio.

SACCO E VANZETTI

As duas vítimas do capitalismo dirigem aos trabalhadores um soberbo documento do seu idealismo.

Cadeia de Charleston, Massachusetts, maio de 1926:

Aos camaradas, aos amigos e aos trabalhadores: confessou a minha fraqueza. Comecei o érro de confiar na justiça dos togados e de esperar que fizéssem os juízes do Tribunal Supremo de Massachusetts.

Tinha embarcado até às fezes o calix de fel e vinagre que o mundo me ofereceria. Fui processado e condenado, duas vezes, por delitos que não praticei; havia seis anos que estava pregado na cruz infame, tornado alvo de todos os escarnos, de todos os insultos, sujeito a todas as culpas, a todas as ofensas, a todos os danos. Todavia, por breve período eliminei a esperança e a crença na reivindicação da minha inocência, na magistral exposição de facto e demonstração da causa feitas pelo senhor Thompson ao Tribunal Supremo. Alimentei toda a esperança, quando do processo recentemente formado contra o português Medeiros, num futil érro do juiz instrutor, na confiança do sr. Thompson e no optimismo dos meus amigos e camaradas.

— Que querem fazer, que devem fazer—preguntaram, angustiados, os meus amigos mais íntimos. Nicolau e eu supomos que já se tem feito, por nós, mais do que enumerais. Que fazer agora?

Não queremos iludir, nem iludirmos-nos. A recusa do novo processo é o golpe de misericórdia sobre as nossas cabeças! Não há dúvida alguma: querem que sejamos, forçosamente, criminosos.

E inutil. Demonstra-se que novas práticas legais não fariam mais que dar algum tempo mais antes de se executar essa sentença que inexoravelmente impõe sobre as nossas cabeças.

Temos de esperar e sofrer, através de

tudo, sabemos lá por quanto tempo; até à

última denegação do Tribunal Supremo,

para que diga, depois, com sofismas, que

não há razões a justificarem a concessão de um novo processo; que os nossos assassinos merecem o prémio e a honra que lhes dispensaram; e que nós devemos ser quemados na cadeira eléctrica. Outras intenções não mostra a recusa do Tribunal Supremo.

— Qualquer dia os parasitas resolviam o problema mandando prender a maioria dos operários para não lhes pagar salário e fazê-los escravos, forçados violentamente.

No entanto depois desse clamor de raião e de justiça—os barcos foram-se e os

camaradas metalúrgicos continuam em grande

número sem ter que fazer vagueando por ali.

Comissão Administrativa da Federação Metalúrgica.

As reclamações dos operários metalúrgicos

Reuniu-se a comissão administrativa da Federação Metalúrgica que a vários expediente deu o seu despacho. Occupou-se da crise que afecta a classe metalúrgica, preocupando-o a facto de já terem decorrido algumas semanas e o ministro do Comércio não ter recebido a comissão que está incumbida, por esta Federação, de traçar o assunto e que era portadora de uma série de reclamações, tendentes a agravar a crise. Em face das circunstâncias resolvem a comissão administrativa tornar público uma série de prepotências que contribuem para o agravamento da crise que afecta todos os trabalhadores e especialmente os operários metalúrgicos.

O Comité Pró-Presos por Questões Sociais apreciando os pontos apresentados pelo Secretariado Geral entende:

1º Este Comité reconhece a superioridade da sua organização que melhor tem prestado aos presos a solidariedade e por tanto era perigoso o seu desaparecimento.

2º Prescindimos de aceitar quaisquer cargos pelos motivos de não dissolvermos este organismo e por não concordarmos com o S. V., pelas razões apresentadas.

Este Comité considera o Socorro Vermelho descendente dum partido político, que atualmente ocupa as cadeiras do poder na Rússia que tem exercido violências contra camaradas que têm lutado em prol da emancipação humana, não tendo o Socorro Vermelho organismo de Solidariedade/pres- tado qualquer auxílio a esses camaradas.

Por questões de ordem política, quer duma forma ou outra e em qualquer dos casos—basta de lérias de ordem e trabalho.

Só resta um caminho a seguir: os trabalhadores abrem os olhos pondo a distância os causadores do seu mal estar, que os tem condonando à miséria.

Se as entidades que têm o dever de intervir nestas questões não têm força ou coragem para pôr termo a estas traficâncias, que se facilite o livre trânsito aos operários na procura de trabalho além fronteiras, como livre trânsito se tem dado ao trabalho que devia cár-se feito. Mas ainda há mais... A Exploração do Porto de Lisboa não contente em mandar construir a barcaça fora do país em prejuízo manifesto dos seus compatriotas, manda também construir dois batelões que orgam por uns 600.000\$00! Tudo isto revela o desprès em absoluto pelos que tiveram a desdita de serem trabalhadores nesta terra.

Estes factos devem merecer a máxima atenção de todas as entidades que o caso respeito.

Os operários que meditem a fundo sobre a atitude dos protegidos da sorte, banindo todo este estado de contradição, que os opprime e avila, pois que é tempo de pôr cōbro a esta farça daninha, crise fictícia, que não há razão de tal existir num país onde está tudo por fazer.

A pesar de toda esta tragédia, ainda se pretende alongar o horário de trabalho, para mais horas de produção; quando há milhares de trabalhadores lançados no in-labor e outros tantos sofrendo a redução de dias de produção—que flagrante contradição!

Diminui-se os salários, quando o custo da vida é excessivo e tende agravar-se,

tal processo é atentatório aos princípios de humanidade, e para tal se conseguem provocar-se a crise, esse fantasma fatalista que se meia a desmoronização e a tuberculose entre os famílicos acossados por esse espetro sinistro, os reduz à condição miserável de párias sem direitos. Que dizem a isto as gazetas que patrioticamente defendem o fomento nacional, *revigoramento da raça lusitana*, pois que não se cansam de propor alvitres de higiene, cultura e estética—quando estas necessidades não podem abranger os deserdados da Terra, os que têm só os braços para alugar em proveito dos possuidores dos instrumentos de produção e senhores dos destinos dos produtorios? Todos esses elixires ou são ditados com ingenuidade ou com hipocrisia!

onde faltá o pão, não pode haver luz, higiene, cultura e estética—e como a fome é má conselheira, em vez de virtudes só o im pode medrar—essas virtudes só podem ser de usofruto comum quando o trabalho é um dever para todos os individuos da espécie humana, porque o trabalho em nosso entender é indispensável à vida—mas trabalho sem amos, produção sem sangão; Mas comamo ou sangão, como estamos longe do fim desejamos que se faculta trabalho a quem deseja ser útil à coletividade para poder manter-se a si e aos seus—e nessa ordem de idéias cuide-se dos vivos e enterre-se os mortos como disse Sebastião José de Carvalho, pensemos em primeiro lugar de trabalho para os que estão em liberdade—porque têm liberdade de morrer à mingua e depois trataremos de trabalho para os reclusos, como alivítrava o «Diário de Notícias» em mandar reparar as estradas e outros serviços pelos encarcerados—pois que seguir-se em primeiro plano este alívio.

Se cessa a polemica legal, se nos rendemos, o juiz Thayer apresenta logo a sua brava sentença de morte, com um belo discurso de ocasião, que sempre há de ser nos mais delicioso do que a cadeira eléctrica.

Renderemo-nos assim, morrer assim, re-pugna-nos quanto se possa imaginar. Podemos recorrer ao suicídio, libertando, ao mesmo tempo, nós e vós, de tantos sacrifícios e tantas privações; não o fazemos, porque o suicídio é como uma cobarde fuga diante do inimigo vitorioso. E se temos de morrer, morramos fitando os olhos do inimigo. Não se diga, com razão, ou sem razão, que nós fugimos.

Vêde, todos, que contrasta de pensamento o de sentimento nos colhe e nos arroja a negra hora da paixão e da derrota. Repugna-nos a rendição; perdemos toda a confiança na justiça organizada; e, deixai-nos dizer, estamos orgulhosos, também, confundidos por custar-nos tantos esforços.

A-pesar-de quanto se passa, temos a consciencia de que há o que quer que seja, na nossa causa, que ultrapassa muito a nossa personalidade; alguma coisa de superior ao nosso ser e à nossa vida, que envolve os nossos e os vossos princípios, todas as vítimas do regime actual, a maioria da humanidade. Por estas razões, ficam todos livres para seguiram os ditames da própria inteligencia e consciencia, e a nós fica-nos o dever de não vos apartar do vosso caminho.

Nós chamamos—a saude está convosco. Asseguramos que o éxito fatal de esta luta sem paralelos, em nada diminui o nosso reconhecimento por tudo quanto se tem feito, e muito se fez, por nós; a vossa solidariedade reconfirma-nos.

Estamos seguros de que o verdugo não perderá tempo. Matando-nos, cessará o perigo de represálias contra os nossos assassinos.

Contudo, se devemos ainda suportar a suprema vergonha do suplício, só com a viva terminará a nossa fé de que um dia virá em que os nossos nomes sejam evocados e o nosso sangue bem vindago será. Recordai: a saude está convosco! — Bartolo-meu Vanzetti e Nicolau Sacco.

— Qualquer dia os parasitas resolviam o problema mandando prender a maioria dos operários para não lhes pagar salário e fazê-los escravos, forçados violentamente.

No entanto depois desse clamor de raião e de justiça—os barcos foram-se e os

camaradas metalúrgicos continuam em grande

número sem ter que fazer vagueando por ali.

O Comité Pró-Presos por Questões Sociais apreciando os pontos apresentados pelo Secretariado Geral entende:

1º Este Comité reconhece a superioridade da sua organização que melhor tem prestado aos presos a solidariedade e por tanto era perigoso o seu desaparecimento.

2º Prescindimos de aceitar quaisquer cargos pelos motivos de não dissolvermos este organismo e por não concordarmos com o S. V., pelas razões apresentadas.

Este Comité considera o Socorro Vermelho descendente dum partido político,

que atualmente ocupa as cadeiras do poder

na Rússia que tem exercido violências

contra camaradas que têm lutado em prol da

emancipação humana, não tendo o Socorro Vermelho organismo de Solidariedade/pres-

tado qualquer auxílio a esses camaradas.

Reúnem-se a comissão administrativa da Federação Metalúrgica que a vários expedientes deu o seu despacho. Occupou-se da crise que afecta a classe metalúrgica, preocupando-o a facto de já terem decorrido algumas semanas e o ministro do Comércio não ter recebido a comissão que está incumbida, por esta Federação, de traçar o assunto e que era portadora de uma série de reclamações, tendentes a agravar a crise. Em face das circunstâncias resolvem a comissão administrativa tornar público uma série de prepotências que contribuem para o agravamento da crise que afecta todos os trabalhadores e especialmente os operários metalúrgicos.

O Comité Pró-Presos está conveniente da superioridade orgânica do Socorro Vermelho, que o seu sistema de organização é deficiente e que há necessidade da existência de um potente organismo de solidariedade operária extra-sindical que cumpra todos os deveres de solidariedade para com as vítimas da luta de classes, o Secretariado Geral da Secção Portuguesa do Socorro Vermelho Internacional, satisfezendo o próprio desejo dos presos e tendo em conta a necessidade de organizar forças proprias ao mesmo comitê:

1º A sua dissolução e ingresso no Socorro Vermelho.

2º O preenchimento dos cargos vagos neste organismo pelos membros do mesmo comitê, que estejam dispostos a trabalhar a favor dos destinos dos produtorios? Todos esses elixires ou são ditados com ingenuidade ou com hipocrisia!

onde faltá o pão, não pode haver luz, higiene, cultura e estética—e como a fome é má conselheira, em vez de virtudes só o im pode medrar—essas virtudes só podem ser de usofruto comum quando o trabalho é um dever para todos os individuos da espécie humana, porque o trabalho em nosso entender é indispensável à vida—mas trabalho sem amos, produção sem sangão; Mas comamo ou sangão, como estamos longe do fim desejamos que se faculta trabalho a quem deseja ser útil à coletividade para poder manter-se a si e aos seus—e nessa ordem de idéias cuide-se dos vivos e enterre-se os mortos como disse Sebastião José de Carvalho, pensemos em primeiro lugar de trabalho para os que estão em liberdade—porque têm liberdade de morrer à mingua e depois trataremos de trabalho para os reclusos, como alivítrava o «Diário de Notícias» em mandar reparar as estradas e outros serviços pelos encarcerados—pois que seguir-se em primeiro plano este alívio.

O Comité reuniu no dia 16 do corrente para apreciar o respectivo documento, res